

# I

## HISTÓRIA DA PORTA

O advogado Utterson era um homem de fisionomia enrugada que nunca o mais leve sorriso aclarava; era frio, pouco generoso e também parco no falar; nada expansivo quanto a sentimentos; magro e alto, tinha, no entanto, apesar de toda a sua secura e rispidez, alguma coisa que o tornava estimado. Quando estava junto dos amigos e o vinho lhe agradava, brilhava-lhe nos olhos um clarão de humanidade; nada se lhe revelava nas palavras, mas todos lho percebiam no ar satisfeito que tomava depois de um bom jantar e, sobretudo, na maneira por que vivia. Era duro consigo mesmo; bebia *gin* quando estava sozinho, para contrariar a predilecção pelos vinhos; gostava imenso de teatro e havia vinte anos que não entrava em nenhum. Para os outros era extraordinariamente tolerante; e parecia que algumas vezes, além do espanto, sentia inveja pelo valor que demonstravam os que praticavam o mal; em qualquer caso, estava sempre disposto a ajudar, nunca a censurar. «Tenho certas tendências para a heresia de Caim», costumava dizer com um tom sossegado, «deixo os meus irmãos irem ter ao inferno como melhor lhes aprouver.» Com este modo de ver, cabia-lhe quase sempre em sorte ser o último amigo decente e a última boa companhia dos desgraçados que se perdiam; e, enquanto o vinham procurar, nunca mostrava ao recebê-los a menor alteração.

Uma tal atitude, na realidade, não era muito difícil para Utterson, dada a sua reserva natural; mas mesmo as suas amizades pareciam todas assentes numa igual universalidade de compreensão e de perdão. É característica dos homens modestos aceitarem os amigos que o acaso lhes oferece e era este exactamente o caminho que o advogado sempre tinha seguido. Os amigos, ou eram seus parentes, ou gente conhecida desde há muito; nele, a afeição desenvolvia-se à maneira da hera, pelo andar do tempo, sem tomar grandes cuidados com a escolha da parede e do tronco a que havia de prender-se. Assim se podia explicar, sem dúvida, a amizade que o unia a Richard Enfield, seu parente afastado e um dos homens mais conhecidos na cidade. Era grande enigma para muitos saber o que podiam eles encontrar de interessante um no outro ou de que assunto tratavam quando estavam juntos. Quem os encontrava pelas ruas, nas tardes tranquilas de domingo, jurava que nunca trocavam palavra e caminhavam com o ar sombrio de quem segue um enterro; o aparecimento de um amigo era saudado com um tom de alívio. No entanto, os dois homens davam toda a importância a tais passeios, consideravam o domingo o mais belo dos dias da semana e punham de parte o mais aliciente prazer e os negócios mais urgentes para se poderem reunir e dar a volta do costume.

Ora aconteceu um dia que, num destes giros, foram ter a uma travessa dum dos bairros mais importantes de Londres. A ruela era pequena e aquilo a que se pode chamar sossegada, mas nos dias de semana motivava um próspero comércio. A vida parecia correr bem aos moradores, que entre rivalidades esperavam que corresse ainda melhor, esbanjando os excedentes dos seus ganhos em coquetarias; de modo que as montras das lojas se alinhavam na via com um ar convidativo, como filas de vendedoras sorridentes. Mesmo ao domingo, em que se velava a maior parte dos encantos, a travessa, em comparação com as ruas vizinhas, era uma pérola na lama; as fachadas dos prédios tinham as tintas vivas de uma pintura recente, os amarelos estavam polidos como espelhos e havia por toda a parte uma nota de limpeza e de ale-

gria; ninguém entrava na rua sem que logo o seu encanto o penetrasse e o prendesse.

Ora passada uma esquina, duas portas adiante, quebrava-se a linha de elegância e nitidez; abria-se a entrada de um pátio, mesmo em frente de um prédio sinistro que lançava sobre a rua uma sombra de tristeza; tinha dois andares com uma única janela; só no rés-do-chão se rasgava uma porta e depois toda a casa se elevava, fechada e nua; em cada palmo de parede se podiam divisar os sinais de uma negligência prolongada e sórdida: a porta, sem aldraba nem sineta, estava rachada e com manchas de bolor; decerto os vadios se lhe tinham acolhido no vão estreito e riscado fósforos nas ombreiras, as crianças tinham armado lojinhas nos degraus e os rapazes, ao voltarem da ruela, lhe experimentavam na madeira a ponta das navalhas; e não havia memória, desde há muito, de ter aparecido alguém a expulsar os hóspedes pouco desejáveis ou a reparar os danos que faziam.

Enfield e o amigo estavam do outro lado da rua, mas, quando passaram em frente da porta, o primeiro levantou a bengala e apontou-a.

— Já viu esta porta? — perguntou ele; e, ante a resposta afirmativa do companheiro, continuou: — Quando a vejo, lembro-me sempre duma história esquisita.

— Sério? — retorquiu Utterson, com um tom de voz ligeiramente mudado. — E pode saber-se que história é?

— Eu lha conto. Vinha eu uma vez por aqui fora, já não me lembro donde, aí por volta das três da manhã; era Inverno, estava tudo muito escuro, e não se via mais nada senão os candeeiros acesos à borda dos passeios; passava-se de rua para rua e nem um prédio com luz: tudo dormia; e de rua a rua os mesmos candeeiros acesos como para um cortejo e o mesmo vazio, o mesmo silêncio de igreja; por fim, mau grado meu, afinei os ouvidos e comecei a escutar para um lado e outro e a desejar secretamente o aparecimento de algum polícia. Ia neste estado de espírito quando, de súbito, me surgiram dois vultos; um era o de um homem que caminhava a passo estugado, o outro o de uma rapariguita dos seus oito ou dez anos que corria por uma travessa;

claro está que chocaram à esquina; e então deu-se o terrível da coisa, porque o homem, com toda a calma, pisou a criança e seguiu o seu caminho sem atender aos gritos. Só visto, caro amigo: parecia obra do diabo; e diabo era, com certeza, porque pouco tinha de homem. Dei um grito e larguei atrás dele; apanhei-o pouco adiante e trouxe-o para a esquina, onde já se tinha formado um grupo à volta da miúda; o sujeito estava muito calmo e não oferecia a menor resistência, mas atirou-me um tal olhar que um suor frio me correu pelas costas. A gente que se tinha juntado era família da garota; depois apareceu o médico que tinham mandado chamar e que declarou que a pequena pouco mais sofrera do que o susto. E o amigo naturalmente supõe que tudo ficou por aqui? Pois nada disso. Por mim tinha ficado com raiva ao homem; e com a família da rapariga acontecia a mesma coisa, como era natural; quanto ao médico é que a coisa foi mais interessante. Era um tipo seco, sem cor nem idade certa; falava à moda de Edimburgo e devia ter a sensibilidade de uma gaita-de-foles. Pois bem: de cada vez que olhava para o meu selvagem, o médico ficava pálido; se pudesse, era capaz de o esganar. Eu adivinhava-lhe o pensamento com a facilidade com que ele adivinhava o meu e, como não se podia pensar em dar cabo do homem, fizemos o que nos pareceu melhor: dissemos-lhe que éramos capazes de provocar tamanho escândalo à volta deste caso que o nome dele ficaria conhecido de ponta a ponta da cidade; todos os amigos lhe fugiriam, ninguém mais teria confiança em tal bruto. Enquanto o atenazávamos, íamos conservando à distância as mulheres, que estavam piores que feras; nunca vi um grupo de faces em que o ódio ameaçasse explodir com tanta violência; e o homem estava no meio, com uma fleuma desdenhosa, no fundo com medo, mas dando-se ares de Satanás. «Bom, já vejo que pretendem ir para o escândalo e que não tenho maneira de escapar. Por minha parte, prefiro evitar uma cena. Tenham a bondade de dizer quanto querem.» Pusemos cem libras — para a família da criança; tenho a impressão de que ainda mostrou veleidades de discussão; mas olhou para a cara de cada um de nós e ficou sem ilusões; acedeu sem um protesto. Como

não tinha dinheiro consigo, pediu-nos que o acompanhássemos: e sabe o amigo aonde nos trouxe o homem? Exactamente a esta porta; puxou da chave, abriu-a, entrou, demorou-se um instante e voltou com dez libras em ouro e um cheque do restante; cheque sobre os Coutts, pagável ao portador e assinado com um nome... Sabe, é um dos pontos curiosos da história, mas não lhe posso dizer que nome era; enfim, um nome bastante conhecido e que aparece com frequência nos jornais. A quantia era grande, mas a assinatura garantia-lhe o pagamento — a não ser que não fosse autêntica; foi o que observei ao homenzinho: tomei a liberdade de lhe dizer que me parecia estranho que um homem entrasse por uma porta daquelas às quatro horas da manhã e voltasse com um cheque assinado por outra pessoa. A resposta foi dada com todo o sossego e um sorrisinho irónico: «Esteja descansado; fico consigo até abrir o banco e vamos os dois receber o cheque.» Foi o que fizemos; fomos todos, eu, o médico, o pai da miúda e o cavalheiro, para minha casa, onde passámos o resto da noite; depois do pequeno-almoço, saímos para o banco; eu mesmo entreguei o cheque e preveni o empregado de que suspeitava de que o cheque era falso. Qual história! De uma autenticidade absoluta.

— É boa! — comentou Utterson.

— Pois é muito esquisito. Você não imagina: o homem era uma coisa horrível, insuportável, um patife de alto calibre; a pessoa que passou o cheque é uma jóia, conhecida, como já lhe disse, e que toda a gente tem na conta de honesta e de bondosa. A minha hipótese é esta: trata-se de um caso de chantagem; o selvagem obriga o outro a dar-lhe dinheiro para que não revele qualquer pecadinho de mocidade; em todo o caso, também não se explica tudo... — e o digno Enfield, calando-se, pôs-se a meditar.

O amigo interrompeu-lhe os pensamentos com uma pergunta brusca:

— E a pessoa que assinou o cheque vive aqui?

— Parece-lhe bom sítio? — replicou Enfield. — Não, mora aí numa praça qualquer, não sei bem onde.

— E diga-me você uma coisa, amigo Enfield: nunca se meteu em averiguações acerca da porta?